

O Futuro da Formação Analítica: algumas questões e perspectivas

Trabalho apresentado na IX Jornada da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre. Porto Alegre 25 e 26 de Novembro de 2011.

Cláudio Laks Eizirik

Membro Efetivo da Sociedade
Psicanalítica de Porto Alegre.

A formação analítica institucionalizada teve início no Instituto de Berlim em 1920 e seguiu um longo percurso até viver outro de seus marcos históricos com o reconhecimento pela IPA, em 2006, da existência de três modelos, cada um dos quais com sua lógica própria, sua coerência interna e com capacidade de formar analistas de bom nível.

Ao longo desse percurso que se encaminha para um século, houve enormes modificações, crises, discussões, estudos sobre os três componentes do famoso tripé, algumas pesquisas e uma enorme massa de dados que nos permite razoável segurança sobre os procedimentos que seguimos na formação analítica. Contudo, devido à natureza explosiva de nossa matéria-prima, o trabalho com o inconsciente em suas proteicas e imprevisíveis expressões, a delicada tarefa artesanal de estimular nossos colegas mais jovens em sua condição de analistas em formação, não permite muitas certezas e desafia a experiência e as convicções.

Se o passado inclui incontáveis elementos históricos e institucionais, e o presente oferece permanentes desafios, pensar o futuro não deixa de ser uma ousadia, embora seja de ousadias que se forjou nossa disciplina.

Sobre o futuro da formação analítica, assim como sobre qualquer tema, Freud, numa ocasião, alertou para o fato de que podemos expressar muito mais nossos desejos do que uma previsão fidedigna. Naturalmente, todos os que fizeram ou estão fazendo uma formação analítica



satisfatória, e os que trabalham na educação e na formação de novos analistas, desejamos que essa prática continue evoluindo e se desenvolvendo, para capacitar mais pessoas a exercer de forma digna essa profissão impossível e ao mesmo tempo fascinante.

Procurando um tom mais realista, contudo, não podemos deixar de observar que o futuro da formação analítica dependerá dos próprios analistas, de suas instituições e das circunstâncias em que tal procedimento será desenvolvido.

Começando de fora para dentro, haverá formação analítica se as sociedades em que vivemos mantiverem suas estruturas democráticas, porque não só a formação como a própria prática analítica não vicejam em regimes ditatoriais, como ocorreu com o nazismo e o stalinismo. Na América Latina, mesmo que a formação nunca tenha sido interrompida, houve migrações de importantes analistas durante nossas diversas ditaduras e um clima de insegurança e temor entre os que ficaram. Além disso, uma hipótese que não tenho neste momento condições de explorar, mas que espero poder desenvolver em outra oportunidade, é de que certas posições autoritárias e rígidas em algumas sociedades analíticas, bem como adesões excessivamente estritas a uma linha teórica, sem espaço para outras, podem ter sido estimuladas pelo meio externo repressivo, em que regimes arbitrários suprimiam a ferro e fogo qualquer voz ou movimento dissonante; muitos de nós testemunhamos ou até sofremos os efeitos de tal situação no Brasil da ditadura militar. Sem a liberdade de pensamento, pois, é quase impossível que a psicanálise venha a florescer.

Pensando em termos mais internos, temos a questão institucional: em que medida as sociedades psicanalíticas e seus institutos de formação poderão se manter e desenvolver em clima igualmente democrático e pluralista, sendo possível enfrentar e administrar as divergências inevitáveis? Em que medida haverá alternância de poder, sem excessiva dominação de grupos hegemônicos? Em que medida predominarão feudos ou pseudofamílias analíticas ao redor de um pequeno número de didatas? Em que medida os programas de seminários serão revisados e atualizados regularmente, incluindo novos autores e novas ideias? Em que medida serão oferecidos seminários optativos e cada analista em formação poderá ter a liberdade de estruturar seus estudos de acordo com suas próprias escolhas, sem descuidar o estudo dos cânones da teoria e da técnica

ca? Em que medida serão estimuladas as associações dos analistas em formação e a sua ativa participação nos espaços de discussão e produção de atividades? Em que medida a supervisão será um estudo de alternativas e hipóteses para cada caso ou uma transmissão de um modo único de pensar? Em que medida será estimulado e se desenvolverá dentro de cada instituição o sentimento de *nós*, e não tanto o de *elas*? Em que medida predominará entre os membros certo orgulho por pertencer ou certa vergonha de tal condição? Em que medida o clima da formação será de estímulo ao pensamento crítico e independente, com uma atitude receptiva a novos analistas capazes de questionar, desafiar, propor ideias, inventar, e não apenas e principalmente se colocar na condição de exegetas das obras clássicas, recitando incansavelmente os mantras da tradição? Em que medida serão citados novos autores, ideias da cultura acolhidas, trabalhos da mesma instituição respeitados e estudados, ou predominará uma atitude reverencial e de busca desesperada do pronunciamento das antigas matrizes produtoras de conhecimento, em especial se vier embalado por pronúncias ou idiomas supostamente mais charmosos que a última flor do Lácio, inculca mas bela?

E o que ocorrerá nas análises de formação? Que tipos de relação analítica predominarão? Que espaços potenciais serão criados? Que objetos transicionais serão os analistas formadores? Quanto desejo terá de se perpetuar nas mentes de seus pacientes? Quanta liberdade de escolha será estimulada? Quantas vezes ler-se-ão citações dos próprios analistas nos trabalhos de seus pacientes? Quanto interessará saber com quem fulano ou beltrana se analisam ou se beltrana ou fulano serão capazes de adquirir uma função analítica e desenvolver seu próprio estilo, suas próprias preferências teóricas, sua peculiar maneira de ser analista? Em que medida as reanálises serão procuradas, seja por analistas mais jovens, seja pelos mais experientes, uma vez que necessidades novas da vida ou conflitos internos surgem ou ressurgem, e que uma consciência acerca de que cada análise não tem efeito eterno nem garantia de validade permanente?

E de que maneira os analistas e as sociedades se relacionarão com seus colegas de outras sociedades, dentro da mesma cidade, estado ou país? E de que maneira serão interlocutores de seus colegas de continente e de outras latitudes geográficas? Predominará um separatismo arrogante, uma busca frenética do novo que só se expressa em outro idioma, ou



será possível um equilíbrio entre essas duas tendências? E serão os analistas capazes de estabelecer algum tipo de diálogo com outros analistas, de diferentes linhagens, ou ficará cada segmento confinado aos seus guetos associativos?

Como será a relação da psicanálise com a cultura? Em que medida seremos capazes de manter aceso o espírito de Freud de ser um homem de seu tempo, de sua ciência e de suas artes? Ainda estaremos presentes nas universidades, na medicina, na psicologia, na psiquiatria, onde jovens talentosos podem encontrar o estímulo para buscar uma formação analítica?

Alguns analistas ainda se dedicarão teimosamente à pesquisa (seja clínica, conceitual ou empírica) ou acabará predominando certa visão de que análise só existe dentro do consultório e o resto é apenas o resto? Que lugar ocuparemos na ágora, nos espaços públicos, na educação, na saúde pública, nos grandes temas da cidadania?

Talvez desse conjunto de questões que apenas o futuro, esse território que muitos de nós não percorreremos, poderá responder, possam sair algumas perspectivas hipotéticas.

A menos que alguma grande catástrofe ocorra com a humanidade, sempre haverá pessoas com sofrimento psíquico, com dor mental, com distintas expressões de psicopatologia e com coragem suficiente para enfrentar os círculos internos de seu inferno particular ou de sua loucura privada. E da mesma forma sempre haverá necessidade de virgílios que os acompanhem nessa descida e nessa trajetória cheia de medos, assombrações e pesadelos, mas também de sonhos e de construções ou reconstruções de fragmentos ou momentos de prazer e de alguma felicidade possível.

Poderemos, ou poderão os analistas de amanhã, manter acesa essa chama e esse ofício que deixou de ser impossível para se tornar uma das belas realidades e conquistas da civilização ocidental, e que agora avança em outras direções para o oriente, e talvez um dia consiga também



penetrar nos territórios em que ainda a sombra obscurantista e repressiva esconde a criatividade humana atrás de incontáveis burcas?

A construção desse futuro possível está nas mãos de todos nós.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

Cláudio Laks Eizirik

Rua Marquês do Pombal, 783/307

90540-000 Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: ceizirik.ez@terra.com.br

